



PROJETO CRIANDO HABITATS PARA A FORMAÇÃO SOCIOAMBIENTAL NA FUNDAÇÃO JULITA, ZONA SUL, SÃO PAULO

*Creating Habitats Project for Socio-Environmental Education at the Julita Foundation,
ZonaSul, São Paulo*

Luciana Buitron¹, Flávia Cremonesi²

¹Educadora Ambiental da Fundação Julita.

Email: lumbbio@gmail.com

²Coordenadora do Centro de Educação Ambiental da Fundação Julita.

Email: ambiental@fundacaojulita.org.br

Resumo: Estamos vivendo uma crise planetária, em que se faz urgente e necessário a pauta ambiental como central nas nossas tomadas de decisões. No bairro do Jardim São Luís, localizado na periferia da zona sul de São Paulo, essa situação é ainda mais drástica diante da escassez de espaços verdes e de lazer. Como proporcionar à sua população esse encontro com a natureza, criar essa relação afetiva e trazer esse olhar crítico, social? Esse é o objetivo do projeto “Criando Habitats”, no qual realizamos atividades de educação ambiental com crianças e jovens de 1 a 17 anos, promovendo esse maior contato com a natureza através dos 4 elementos e de técnicas de permacultura necessárias para modificar a realidade local. Além disso, para que o trabalho acontecesse de forma integral e interdisciplinar, fizemos formações periódicas com os educadores desses espaços. Em dois anos, foram realizadas 2850 atividades de educação ambiental com crianças e jovens de 1 a 17 anos, e desenvolvemos 16 encontros de formação continuada com os educadores. Possibilitando assim, o pensar na educação ambiental como uma prática cotidiana e transversal para além da atividade em si, ultrapassando os muros da Fundação Julita.

Palavras-chave: Educação ambiental; permacultura; sustentabilidade; interdisciplinaridade.

Abstract: We are living in a planetary crisis, where it is urgent and necessary to prioritize environmental issues in our decision-making processes. In the Jardim São Luís neighborhood, located in the periphery of the southern zone of São Paulo, this situation is even more drastic due to the scarcity of green and leisure spaces. How can we provide the population with an encounter with nature, create this affective relationship, and bring a critical, social perspective? This is the goal of the “Creating Habitats” project, in which we conduct environmental education activities with children and young people aged 1 to 17, promoting greater contact with nature through the four elements and permaculture techniques needed to modify the local reality. Additionally, to ensure the work is comprehensive and interdisciplinary, we conducted periodic training sessions with the educators of these spaces. In two years, we carried out 2,850 environmental education activities with children and young people aged 1 to 17, and we developed 16 continuous training sessions with the educators. This approach enables the consideration of environmental education as an everyday, transversal practice beyond the activity itself, extending beyond the walls of the Julita Foundation.

Keywords: Environmental education; permaculture; sustainability; interdisciplinarity.

Introdução

Diante do cenário atual e das previsões alarmantes que são cotidianamente noticiadas, a humanidade precisa optar se irá continuar nesse processo exploratório de recursos, ou por um modelo que tenha a pauta ambiental como orientadora (Bigliardi e Cruz, 2007, p.129), para isso a Educação Ambiental desempenha papel fundamental na formação de pessoas “conscientes que contribuam para a construção de uma sociedade sustentável” (CATELAN; JESUS; COSTA, 2014, p. 283).

A educação ambiental está dentro da mesma perspectiva de uma educação libertadora, consciente e crítica, como Paulo Freire (1992) coloca, junto também a uma compreensão global, holística, complexa proposta por Morin (2004), e propõe um novo caminho de se pensar a educação, em que a pauta ambiental é central, com pontos primordiais destacados

por Gadotti (2001, p. 83), como a planetaridade, sustentabilidade, globalização e transdisciplinaridade.

Ou seja, a educação é essencial para a possibilidade de mudança consciente de hábitos, pois sabemos que a maioria dos desequilíbrios ecológicos estão relacionados às condutas do ser humano, impulsionados pelo fruto de uma sociedade consumista, e que tem uma visão antropocêntrica do mundo, com a natureza ao seu serviço e dispor (CARVALHO, 2012).

Ao pensarmos nessa forma mais abrangente de educação, que contrapõe a convencional que não têm sido sustentável (Layrargues, 2004, p.7), temos na educação ambiental as características de um processo permanente e contínuo, que atua nas várias esferas da educação (formal e não formal), inclusive na educação infantil, como uma das estratégias para o seu desenvolvimento (BARROS; TOZONI-REIS, 2010, p. 137).

Além disso, por entendermos a educação ambiental através de um viés interdisciplinar, é essencial que os educadores que atuam diretamente tenham formações constantes sobre o tema, para que assim possam, ao fazer seu plano de aula mensal ou em situações cotidianas, conexões e ligações necessários para promover o caráter transversal da educação ambiental. A formação continuada do educador possibilita pensar em formas de envolver no seu planejamento de aula pontos relacionados a esse tema, fazendo relações, com um “pluralismo de idéias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade”, um dos princípios básicos da educação ambiental (BRASIL, 2005, p. 66).

Porém como fazer isso se os educadores não tiveram essa formação voltada para a área ambiental, e para o olhar transdisciplinar? Trazer estas discussões e reflexões com os educadores é uma “maneira de oportunizar uma reflexão crítica da realidade a qual pertencem, desde o nível local ao global.” (AMARAL; CARNIATTO, 2011, p. 2).

Segundo os mesmos autores citados acima, ao entrevistar os educadores sobre trabalhos com projetos interdisciplinares que têm um viés ambiental há grandes dificuldades em criar, planejar e executar essas ações, por vários motivos, inclusive o princípio que é pensar em um projeto interdisciplinar. Outra resposta comum entre os professores é a falta de familiaridade com o tema, e sendo assim dificultando suas possibilidades de ações. Inclusive porque segundo Viesba, Camelo e Rosalen (2020, p. 133), ainda há uma visão tradicional sobre a questão ambiental, como um conteúdo a ser ensinado e aprendido e que se reflete na

dificuldade de planejamento de atividades ambientais para serem realizadas de forma contínua, pois normalmente ocorre de forma pontual e isolada, sem uma construção coletiva.

Diante do contexto apresentado, o presente trabalho demonstra a relevância da capacitação desses educadores para que a visão ecológica transversal esteja presente nas situações cotidianas e em seus planos de aula, resultando em atividades semanais de educação ambiental que foram realizadas com cada grupo de educandos da Fundação Julita ao longo de um período de dois anos.

1.1 Breve contextualização - Fundação Julita

O projeto “Criando Habitats” de educação socioambiental atende educandos da Fundação Julita de 1 a 17 anos, com atividades voltadas à sensibilização, conscientização e vivências para o desenvolvimento da ética socioambiental e a autonomia na multiplicação das soluções que serão aprendidas de forma continuada e sequencial, habilitando-os para retornarem o conhecimento para os habitats humanos.

Foi considerado no desenvolvimento deste projeto a possibilidade de longa permanência de parte dessas crianças, adolescentes e jovens na organização, pois uma fração dos atendidos são matriculados no primeiro ano de vida e realiza todas as etapas de desenvolvimento infanto juvenil na Fundação Julita, desligando-se da instituição ao completar a maioridade, sendo o grande desafio deste projeto, costurar cada fase trazendo inovação no conhecimento gerado. As tecnologias criadas têm como base os princípios permaculturais. O objetivo geral do projeto é promover conhecimentos, valores e habilidades para a preservação ambiental envolvendo a comunidade do Jardim São Luís e bairros vizinhos, periferia da zona Sul de São Paulo, cujos moradores vivem em alta vulnerabilidade social.

A Fundação Julita atua na comunidade desde 1951, é uma das organizações não governamentais que procura trazer mecanismos que visem o acréscimo de conteúdo essencial para o desenvolvimento integral dos atendidos, seja nos aspectos cognitivo, físico, emocional e afetivo. Para isso desenvolve atividades socioeducativas por meio de quatro eixos transversais: meio ambiente, cultura, esporte e saúde.

Além disso, detém uma área verde de importância para o território com 48 mil metros quadrados de área verde e um fragmento de Mata Atlântica composto de uma interessante diversidade de fauna e flora. O bairro onde atua, conta com uma população de aproximadamente 260 mil habitantes, é um dos locais mais populosos, carentes (47 mil pessoas vivendo em favelas) e violentos da cidade. Com praticamente mais da metade de sua população com o 1º grau incompleto; é um local que apresenta grande necessidade de ações sociais que priorizem o desenvolvimento de sua população.

Objetivo

Promovemos a educação socioambiental, com base na permacultura, com os educandos dos programas atendidos pela Fundação Julita e com os seus educadores durante o período de dois anos (2018-2020).

Metodologia

Pelo período de dois anos do projeto “Criando Habitats” realizado na Fundação Julita (junho 2018 - junho 2020), foram realizadas semanalmente atividades de educação ambiental com 14 salas de primeira infância, 10 grupos de crianças e jovens de contraturno (Centro da Criança e do Adolescente) e 6 grupos do centro de juventude (CJ). As propostas e intenções pedagógicas foram planejadas de acordo com a idade pois o público atendido possui uma faixa etária diversa (1 a 17 anos), e dessa forma trabalhamos as “relações com o meio ambiente e com a natureza entre os bebês, as crianças e os adolescentes, e práticas educativas diferenciadas em relação a esses sujeitos.” (SAUVÉ, 2005, p. 36).

Para as crianças do Centro de Educação Infantil (CEI), dividimos entre os 4 elementos da natureza relacionando-os à sua fase da vida. O berçário I com o elemento água, o berçário II com o ar, o Minigrupo I com o fogo, e o Minigrupo II com a terra, porém esses elementos permeiam entre si, e todos os grupos acabam vivenciando todos os elementos.

Como uma forma de se pensar na aprendizagem contínua, trabalhamos com os grupos de contraturno - Centro da criança e do adolescente (CCA), os 4 elementos de forma lúdica, mas

envolvendo mais conteúdo, um embasamento mais teórico para os grupos mais velhos, e para os jovens do Centro de Juventude (CJ) a abordagem tem um tom mais político e consciente, com propostas de intervenção na comunidade com base na permacultura.

Um ponto importante e fundamental do projeto é que para a Primeira Infância e o Centro da Criança e Adolescente as atividades de educação ambiental foram dadas pelos próprios educadores de referência, os educadores ambientais davam formação para eles, participavam do planejamento mensal junto ao educador referência, e auxiliavam na atividade dependendo do grau de dificuldade, teórica e prática.

Já para o Centro de Juventude, o planejamento e a prática eram dados pelo próprio educador ambiental, pois eram atividades mais complexas envolvendo a permacultura na prática, trazendo reflexões, observações críticas e atuações ativas dentro do território.

No período de dois anos, também foram realizadas formações periódicas, tanto com os educadores da educação infantil como da educação complementar. Como a educação ambiental é um processo permanente, essas trocas promoveram uma busca de conhecimentos dos educadores envolvidos, despertando curiosidades, incentivando a pesquisa e inclusive resgate de lembranças e memórias de infância, por exemplo. Além de um olhar crítico e social para o contexto em que a instituição está inserida, possibilitando a formação do “sujeito ambiental”, colocado por CARVALHO (2012).

Durante os últimos meses do projeto (março a junho), devido a pandemia, as atividades foram elaboradas virtualmente, através de vídeos curtos ou encontros online.

Resultados e Discussão

No período de dois anos do projeto, tivemos 923 atividades de educação ambiental para a primeira infância, atendendo 230 crianças a cada ano. No Centro da Criança e Adolescente foram realizadas 1387 atividades com 320 crianças e no Centro de Juventude fizemos 416 atividades ambientais durante o período do projeto, totalizando 2850 atividades de educação ambiental. Além disso, também promovemos 16 formações com os educadores de referências nesse mesmo período.

Ao final de cada atividade o educador fazia um relatório pelo *google forms* relatando a turma, o nome da atividade, o objetivo, um breve relato sobre a prática e um espaço livre para colocar alguma dificuldade, observação, desafio, fotos da atividade e relatos dos educandos.

Um dos pontos centrais do projeto, inclusive por isso, as formações continuadas e o planejamento de aula acompanhado pelos educadores ambientais se deve principalmente por um dos princípios da educação ambiental, que é a interdisciplinaridade. Ao olharmos para o planejamento mensal, as atividades pensadas, era possível relacioná-las e contextualizar com questões ambientais, fazer conexões, ou mesmo, pensar em uma sequência didática para trabalhar determinado tema, fazer de uma forma que a construção do conhecimento aconteça através dessas conexões do que eu já sei, com o que estou aprendendo e não isolada ou pontual, e sim que faça sentido para a realidade daquele educando, ou seja, trabalhar a educação ambiental de forma interdisciplinar é uma forma de “reorganizar o conhecimento para responder aos problemas da sociedade” (GONZÁLEZ-GAUDIANO, 2008, p. 121).

E esse é um ponto comentado desde a Conferência Internacional de Educação Ambiental, em Tbilisi 1977:

“A educação ambiental não é uma matéria suplementar que se soma aos programas existentes, exige a interdisciplinaridade, quer dizer, uma cooperação entre as disciplinas tradicionais, indispensável para poder se perceber a complexidade dos problemas do meio ambiente e formular sua solução”

Por isso, esse acompanhamento pedagógico dos planos de aulas mensais dos professores e as formações continuadas foram essenciais para que o projeto tivesse esse viés que ultrapassa atividades pontuais e rasas como normalmente acontece, e que acabam não fazendo sentido. Essa argumentação é amparada por diversos documentos oficiais, como por exemplo, as Diretrizes Curriculares para a Educação Ambiental (2013), que traz a importância de uma educação cidadã, responsável, crítica e participativa.

Outro ponto fundamental do projeto são as correntes de educação ambiental elaboradas por Sauv  (2008), trabalhadas ao longo das diversas faixas etárias que atendemos. Na primeira infância a educa o ambiental ocorre através do encantamento, das brincadeiras ao ar livre, criando uma rela o afetiva com a natureza, sendo considerada então a corrente naturalista.

Os benefícios para as crianças de se trabalhar na e com a natureza, brincar com ela são inúmeras, beneficiando a saúde física, mental e espiritual, além de aumentar sua imunidade Louv (2016, p. 25). Mas também, se cria uma relação afetiva com ela, que vai sendo trabalhada e aprimorada ao longo dos anos, durante a fase de desenvolvimento dessa criança.

Por isso, com os adolescentes e jovens, trabalhamos um olhar crítico e reflexivo no território visando “a transformação das realidades” em que surjam propostas e projetos de ação em uma perspectiva de “emancipação, de libertação das alienações” (SAUVÉ, 2008, p. 30).

Trabalhar e fazer essas formações com os professores nessa empreitada também foi muito válido, pois essa visão inter e transdisciplinar acaba acontecendo mesmo quando não estamos mais presentes, segundo seus relatos, como uma semente que está germinando, mostrando que no final, alguns pilares da educação ambiental e os objetivos desse projeto foram atingidos.

Ao término do projeto, fizemos reuniões virtuais (via google meeting) com as equipes de educadores, para fazer uma avaliação geral, de uma forma que todos pudessem trazer como foi essa experiência para eles. Alguns relatos que tivemos com os educadoras que participaram das atividades e formações do projeto:

“Brincadeiras com barro - A alegria em ver as crianças brincarem de barro sem medo, sem receio de estarem sujas e não brigarem com elas” - Esse projeto me trouxe a reflexão de como as crianças estão perdendo o contato com os elementos da natureza.” (Rosalice, professora educação infantil).

“Tive a grande oportunidade de apresentar os 4 elementos no berçário, onde algumas crianças seria a primeira vez que tocavam na terra ou observavam a chama do fogo, pois nunca tiveram a oportunidade de explorar esses elementos e lembro que durante uma contação de história onde utilizamos no momento a vela as crianças ficaram encantadas com olhar fixo ao observar era um momento mágico, ou quando molhamos o barro e elas se divertiam desenhando com ele. Como educadora e mediadora das mais diferentes possibilidades de conhecimento, considero o “Projeto Criando Habitats” fundamental .” (Maria Isabel, professora educação infantil).

“Gostaria de compartilhar o momento em que fizemos a ação de coleta de materiais que não faziam parte da natureza, todos educandos ficaram chocados com o tanto de material que foi achado e que não fazia parte da natureza, alguns até choraram por achar que isso estava acontecendo por

incompetência deles, foi um momento muito marcante e de grande valor para mim.” (Raphael, educador do Centro da Criança e do Adolescente).
“O projeto foi de grande valia e enriquecimento, tanto para os grupos que puderam vivenciar, quanto para nós que é um conhecimento que irá permanecer nos acompanhar por todos os espaços que percorremos.” (Graciele, educadora do Centro da Criança e do Adolescente).

Diante destes relatos percebemos a importância da formação continuada com os educadores, para que eles conseguissem perceber as mudanças de posturas e reações diante das ações de educação ambiental propostas de formas sequenciais e não pontual como costumava ser. As mudanças de comportamento e reflexões sobre as práticas possibilitam uma ação pedagógica inovadora e uma aprendizagem mais significativa para o educando. E desta forma, “ a discussão da Educação Ambiental torna-se relevante ao ambiente educacional, proporcionando a interação com o meio e o desenvolvimento de capacidades e atitudes ecológicas e sustentáveis.” (CATELAN; JESUS; COSTA, 2014, p. 285).

Figura 1: Crianças da Educação Infantil na atividade Detetives da Natureza



Fonte: Flávia Cremonesi

Fig. 2 Crianças da Educação Infantil plantando - Atividade intergeracional



Fonte: Luciana Buitron

Fig. 3 Crianças do Centro da Criança e Adolescente observando um “piolho de cobra”



Fonte: Luciana Buitron

Fig. 4 Crianças do Centro da Criança e Adolescente plantando



Fonte: Luciana Buitron

Fig. 5 Adolescentes do Programa Centro de Juventude cuidando do nosso galo.



Fonte: Daniele Castro

Fig. 6 Formação com os educadores do Centro da Criança e Adolescente



Fonte: Luciana Buitron

Considerações Finais:

De acordo com as correntes de educação ambiental propostas por Sauv  (2005), o trabalho de educa o ambiental com as crianças da primeira infância acontece através do encantamento, afetividade, brincadeiras e experiências na natureza tendo como base atividades envolvendo os 4 elementos. Criamos esse vínculo afetivo, com experiências cognitivas, lúdicas e afetivas num meio natural, e ao ar livre, propostas pela corrente naturalista, e conforme eles vão crescendo, continuamos com o vínculo afetivo, tratamos temas relacionados com a conserva o da natureza, com os 4 elementos, e focamos também em observar as problemáticas ambientais e sociais com diálogos, leitura de paisagem e propostas práticas com enfoque na permacultura, e, seguindo algumas correntes, principalmente a crítico- social:

A reflexão crítica deve abranger igualmente as premissas e valores que fundam as políticas educacionais, as estruturas organizacionais e as práticas em aula. O prático pode desenvolver, através deste enfoque crítico das realidades do meio, sua própria teoria da educa o ambiental.(SAUVÉ, 2005, p. 31).

Portanto, a temática social faz parte da Educa o Ambiental como uma forma de questionar e procurar meios de mudanças e melhoria de qualidade de vida, ao mesmo tempo, que utilizamos da permacultura e tecnologias ambientais, que surgem a partir da necessidade do resgate do vínculo “perdido” entre o homem e natureza, comum sobretudo em grandes cidades, o que agrava e acentua os problemas ambientais já existentes em áreas da periferia urbana. Entretanto, com a premissa de que “a soluço está em nós mesmos”, a concep o da ideia levou em conta que as respostas para os problemas ambientais podem ser encontradas no próprio ambiente, unindo saber popular, organiza o social e conhecimento científico.

Além disso, os encontros mensais com os educadores, trabalhando a educa o ambiental de forma continuada, contribuir am para que esses fizessem um planejamento transdisciplinar

e transversal com outros temas e disciplinas trabalhados paralelamente. Esse trabalho é uma semente plantada, nos educadores, nos educandos, seus pais, na comunidade, tornando-se uma referência para outras organizações sociais e escolas do entorno, inclusive para seus educadores e gestores.

Acreditamos na educação ambiental como uma possibilidade de educação transdisciplinar, que abrange não apenas a ação em si para a resolução de problemas ambientais, mas também, o questionamento, a observação, a solução de problemas envolvendo questões sociais, econômicas e ambientais (LIMA, 2004, p.93).

E para finalizar, ao pensarmos não apenas nesse projeto, mas na abrangência etária que atendemos, ao longo prazo, uma criança que entra no Centro de Educação Infantil com 1 ano com atividades de educação ambiental da sua infância até a sua adolescência, possibilitando formar pessoas mais conscientes e críticas para a questão ambiental.

Agradecimentos

Primeiramente, gostaria de agradecer a Flávia Cremonesi, coordenadora do Centro de Educação Ambiental, que foi a grande pensadora e articuladora desse projeto, sem ela ele nem teria sido escrito. À Fundação Julita que faz esse trabalho maravilhoso com toda a comunidade do Jardim São Luís, e coloca a pauta ambiental como um dos seus pilares de ações, tanto na teoria, mas também principalmente na prática. À todos que de alguma forma participaram do projeto, da escrita, captação de recursos, patrocinadores, pessoal do esporte, cultura, psicologia e nutrição, porque juntos fizemos muitas parcerias e atividades interdisciplinares, ao Jânio de Oliveira, diretor da Fundação Julita, aos coordenadores e diretores pedagógicos do CEI, CCA e CJ, à comunicação.

E principalmente, aos educadores e educandos de toda a Fundação Julita, sem eles nada disso teria sido possível, obrigada e obrigada.

Referências (opcional para entrevista)

AMARAL, Anelize. Queiroz.; CARNIATTO, Irene. Concepções sobre projetos de educação



ambiental na formação continuada de professores. Revista electrónica de investigación en educación en ciencias, v. 6, n. 1, p. 1-10, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2733/273319419010.pdf> . Acesso em: 21 de fevereiro de 2021.

BARROS, Verónica Alberto.; TOZONI-REIS, Marília. Freitas. Campos. Reinventando o ambiente: educação ambiental na educação infantil. Cadernos de Educação, v. 34, p. 153-182, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/134400>. Acesso em: 27 de maio de 2020.

BIGLIARDI, Rossane. Vinhas.; CRUZ, Ricardo. Gautério. O papel da educação ambiental frente à crise civilizatória atual. Ambiente & Educação, Rio Grande, v. 12, p. 127-141, 2007. Disponível em: <https://seer.furg.br/ambeduc/article/view/810/299> . Acesso em: 19 de novembro de 2020.

BRASIL. Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA). Brasília: MEC, MMA, 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/pronea3.pdf> . Acesso em: 22 de fevereiro de 2021.

CARVALHO, Isabel . Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico. - 6.ed. São Paulo: Cortez, 2012.

CATELAN, Senilde. Solange.; JESUS, Adenilse. Silva.; COSTA, Reginaldo. Vieira. Educação ambiental e permacultura na escola: práticas de intervenção mediada pela formação continuada. Revista Educação, Cultura e Sociedade, v. 3, n. 2, 2014. Disponível em: <https://www.agriverdes.com.br/biblioteca/wp-content/uploads/2019/06/educa%C3%A7%C3%A3o-ambiental-e-permacultura.pdf>. Acesso em 10 de julho de 2020.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 20ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GADOTTI, Moacir. Pedagogia da Terra. São Paulo: Peirópolis, 2001.]



GONZÁLEZ-GAUDIANO, Edgar. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In: SATO, M., CARVALHO, I. (Orgs.). Educação Ambiental: pesquisa e desafios. Porto Alegre: Artmed. p. 119-133. 2005.

LAYRARGUES, Phillip. Pomier. (Re) Conhecendo a educação ambiental brasileira. In: LAYRARGUES, P. P. (coord.). Identidades da educação ambiental brasileira. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. Disponível em: https://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/livro_ieab.pdf. Acesso em 30 de maio de 2020.

LIMA, Gustavo. Ferreira. Costa. (Re) Conhecendo a educação ambiental brasileira. In: LAYRARGUES, P. P. (coord.). Identidades da educação ambiental brasileira. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. Disponível em: https://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/livro_ieab.pdf. Acesso em 20 de julho de 2020.

LOUV, Richard. A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza. São Paulo: Aquariana, 2016.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 9ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2004.

SAUVÉ, Lucie. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In: SATO, M., CARVALHO, I. (Orgs.). Educação Ambiental: pesquisa e desafios. Porto Alegre: Artmed. p. 17-44. 2005.

VIESBA, Everton.; CAMELO, Clemil.; ROSALEN, Marilena. Concepções e (des) entendimentos de educação ambiental: um estudo com professores em escolas de Diadema/SP. Humanidades e Tecnologias (FINOM), v. 1, n. 23, p. 122-136, 2020.